

Falta de emprego acaba com a ilusão

Rovênia Amorim
Da equipe do **Correio**

Dez anos atrás, Silvana e Antônio, o padeiro, fugiram de Feira de Santana, na Bahia. Fugiram por amor. Não podiam ficar lá. A família dela era contra. Enfrentaram todas as barreiras para construir uma vida juntos. De carona em caminhões chegaram a Brasília. A cidade de que tanto o povo falava que era boa. Nasceram os quatro filhos, todos prematuros. A vida era difícil. Emprego mais ainda.

Mas o amor era mais forte. Antônio, o padeiro, insistiu nos biscates. Fazia serviços de pedreiro, qualquer coisa que aparecia. Conseguiu economizar R\$ 100,00. O dinheiro deu para comprar um barraquinho de madeirite na invasão do Areal, em Taguatinga Sul. A impressão era de que a vida começaria a engrenar. Mas nada. O governo não deixava o barraco em pé.

Há cinco meses, a família foi parar no quarto 23 do Centro de Apoio Social (CAS) — o albergue para famílias carentes, em Taguatinga. E os sonhos foram mingando. Silvana de Oliveira Souza, 27 anos, só espera a liberação da passagem para voltar para sua cidade natal. Há dez anos não vê a mãe Josefa, hoje com 57 anos. Ela também não conhece os netos: William, de 4, Maria Carolina, 3, Sheyla, de 2, e a caçula Juliana, um bebê de sete meses.

A história de amor acabou e o marido “sumiu no mundo”. Ficar em Brasília, não dá mais para Silvana. “Levarei boa impressão. A cidade é muito boa, a gente pede um prato de comida e ganha. Mas não tenho com quem deixar meus filhos pra trabalhar. Lá vou tá perto do meu povo”, planeja. “Depois de quatro filhos tenho de botar a cabeça no lugar. O mais velho já pode ir para a escolinha. Quero que eles tenham futuro.”

Se a recepção da família será boa, ela não tem idéia. Nunca deu notícia nesses dez anos em que saiu de Feira de Santana. Então uma adolescente com 17 anos. Por amor aos filhos, ela retorna. “Emprego lá é mais difícil que aqui, eu sei. Lá o salário de uma doméstica é R\$ 65,00. E o trabalho na roça é ainda mais duro. Mas preciso criar meus filhos e viver minha vida”, justifica.

DE CIDADE EM CIDADE

Fazia dez anos que a mineira Neusa Cabral de Oliveira, 44 anos, não deixava Pedra Azul, na divisa com a Bahia, para procurar emprego. Mas a falta de dinheiro e a fome forçaram a sua família a juntar o pouco dinheiro que tinham e a pegar o ônibus rumo a um lugar melhor. Os R\$ 50,00 acabaram logo. Mesmo assim não desistiram. Ela, o marido Juraci e Maria Eunice, a filha de criação de 16 anos, chegaram sexta-feira passada a Brasília.

Antes fizeram uma verdadeira pe-

Fotos: Carlos Vieira



Anacilde Pereira Lima está há oito anos em Brasília, espera ganhar um lote e não quer voltar para o Piauí; mas quem não consegue trabalho já sonha com a volta, mesmo sabendo das dificuldades

regrinação por cidades de Minas Gerais: Diamantina, Curvelo, Paracatu, Unaí. “Pra todo lado diziam pra gente que não tem emprego”, conta dona Neusa. “Lá em Pedra Azul é pior ainda. Nem serviço de faxina a gente consegue. A gente só decidiu mesmo sair de lá depois de passar três dias seguidos sem comer nada. A Maria Eunice chorava de fome igual a uma criancinha.”

Em Brasília também não deram sorte. “A gente não conhece ninguém aqui. Fica difícil arranjar emprego, né. Ninguém indica nós”, conta dona Neusa, uma negra que reclama de dores nas costas e que não aprendeu a ler nem a escrever. “Trabalhei demais, minha filha. Lavando roupa para os outros e nas carvoarias, enchendo os fornos com carvão. Preguiça nunca tive”, comenta.

A família está há um dia no albergue. Na manhã de ontem, Neusa lavava as poucas roupas que tem. “Estou louca para ir embora. Sei lá, a gente passa fome, mas é a nossa cidade, o nosso cantinho, né? A gente

queria ir ontem mesmo, meu marido não aguenta ficar sem fazer nada, mas não teve jeito. A passagem ainda não saiu”, diz ela.

Depois da peregrinação, a família volta para Pedra Azul. Nem os dias difíceis, de estômago doendo por causa da fome, desanimados. “Emprego tá difícil em todo canto”, conforma-se dona Neusa. Antes, porém, uma última tentativa. O marido Juraci, 44 anos, quer passar por Belo Horizonte, onde mora uma sobrinha. “Quem sabe o emprego não está lá”, diz dona Neusa, com fé.

De Brasília, ela leva boa impressão. “O povo daqui não é cheio de prosa e nem de orgulho”, analisa. “Lá em Pedra Azul batem a porta na nossa cara

e nem encostam na mão da gente. Qualquer ajuda jogam dessa altura (faz com as mãos um espaço de aproximadamente uns 30 centímetros). Para não encostar na mão da gente”

No albergue estão abrigadas 443 famílias. Desde que o governo de Joaquim Roriz começou, 110 passagens foram liberadas para os migrantes. Outras 132 estão na lista de espera. “A maioria dos que passam por aqui vieram procurar emprego ou tratamento de saúde”, explica o diretor, capitão Antônio Joaquim de Souza.

PIAUI NUNCA MAIS

Aos 16 anos, um filho para criar, Anacilde tomou uma decisão: tenta-

ria a vida noutro lugar. Partiu para Brasília. Tinha uma irmã que morava no Riacho Fundo e que poderia ajudar. Deu certo. Ganhou mais dois filhos, um marido e a esperança de ter um lote na capital do país. “Para o Piauí não volto mais”, afirma Anacilde Pereira Lima, 25 anos.

Nos planos da piauiense, que nasceu em Manoel Emídio, trazer a mãe viúva, dona Raimunda Nonata e o filho que ficou lá — Caio, de 4 anos. “É só ela vender a casinha dela que vem morar comigo. Lá não dá, não. A vida é muito mais difícil que aqui”, diz. “Aqui, quando a coisa aperta, faço umas faxinas para ajudar em casa.”

Faz três semanas que Anacilde e o marido, Valdir Moreira da Silva Filho, 26 anos, estão no albergue. Moravam num barraco de madeirite na invasão do Areal, que foi derrubado pelo governo. “Tenho inscrição no Idhab e nos prometeram o lote”, justifica. Enquanto isso, vão vivendo no quarto do albergue. “A nossa vida agora vai melhorar. Tenho certeza disso.”

“A CIDADE É MUITO BOA,
A GENTE PEDE UM PRATO
DE COMIDA E GANHA.
MAS NÃO TENHO COM
QUEM DEIXAR MEUS
FILHOS PRA TRABALHAR”.

Silvana de Oliveira Souza